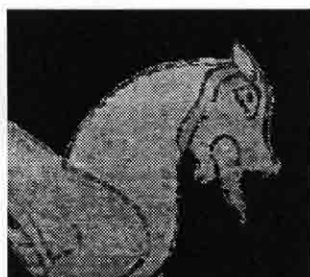


A PRESENÇA FENÍCIA E O PROCESSO DE ORIENTALIZAÇÃO NOS ESTUÁRIOS DO TEJO E SADO

Carlos TAVARES DA SILVA



EL PERIODO ORIENTALIZANTE

*Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida:
Protohistoria del Mediterráneo Occidental*

SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ
JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA
(editores)

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
Instituto de Arqueología, Mérida (CSIC, Junta de Extremadura, Consorcio de Mérida)

A PRESENÇA FENÍCIA E O PROCESSO DE ORIENTALIZAÇÃO NOS ESTUÁRIOS DO TEJO E SADO

Carlos TAVARES DA SILVA

Resumo

As escavações arqueológicas realizadas nas duas últimas décadas nos estuários do Sado (Alcácer do Sal, Setúbal e Abul) e Tejo (Santarém, Almaraz e Lisboa) revelaram importantes testemunhos da presença fenícia e informação pertinente acerca do processo de interação entre a população autóctone do Bronze Final e os mercadores fenícios do Ocidente. Este processo inicia-se no final do século VIII a.C. e atinge o apogeu no final do século VII a.C. e durante o século VI a.C. É possível isolar o momento dos primeiros contactos regulares entre os navegadores fenícios e as comunidades autóctenas nos estratos inferiores de Santarém e Setúbal, datáveis do final do século VIII a meados do século VII a.C. Em meados do século VII, os Fenícios fundam os seus próprios estabelecimentos comerciais (Abul, no estuário do Sado). No final do século VII a.C. e durante o século seguinte, as evidências arqueológicas dos estuários de Tejo e Sado atestam um forte carácter orientalizante, o qual permite colocar a hipótese da instalação de grupos fenícios no interior de povoados indígenas (Setúbal e Santarém) e a criação de novos aglomerados urbanos, tal como pode ter ocorrido em Alcácer do Sal e Almaraz. Neste contexto, explica-se o abandono da feitoria fenícia de Abul, durante a primeira metade do século VI a.C. O processo de orientalização que originou as primeiras sociedades urbanas da Idade do Ferro desenvolveu-se através das redes comerciais dos grupos indígenas do Bronze Final (comércio do estanho, produção e comércio de artefactos de bronze e ouro). Este processo integrou as sociedades complexas do Bronze Final e o modo de vida fenício ocidental e criou um persistente padrão cultural que sobreviveu até à romanização.

Abstract

The archaeological excavations of the last two decades in the Tagus (Santarém, Almaraz and Lisboa) and Sado (Alcácer do Sal, Setúbal and Abul) estuaries revealed important evidence of the Phoenician presence and information about the mechanics of dynamics of the cultural interrelationship took place between the autochthonous late Bronze Age population and the western Phoenician traders. This started in the late eighth century BC and had its heydays in the late seventh and sixth century. In the lower layers of Santarém and Setúbal it's even possible to date the moment of first contact of the Phoenician navigators and the inhabitants of the Portuguese coast, to the end of the eighth and first half of the seventh century BC. In the middle of the seventh century BC the Phoenicians founded their own trading settlements (e.g., Abul, in the Sado estuary). The archaeological evidence of the late seventh and next century BC, indicate a strong orientalisising character, thus permitting the following hypothesis: 1) the settlement of Phoenicians groups in probably indigenous sites like Setúbal and Santarém; and 2) the creation of new urban settlements (possibly Alcácer do Sal and Almaraz). This way, during the first half of the sixth century BC, the abandonment of the Abul trade settlement can be explained. The orientalisising process that gave birth to the first Iron Age urban societies, developed through the commercial networks of the later Bronze Age indigenous groups (tin trade, production and trade of bronze artefacts); it integrated the complex societies of the late Bronze Age and the Western Phoenician way of life. This process created a persistent cultural pattern that would outlast until the arrival of the Romans.

INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados nos últimos vinte anos, nas margens dos paleoestuários do Sado e Tejo, têm revelado testemunhos inequívocos da presença fenícia e de um processo de orientação resultante de profunda interação entre as formações sociais autóctones e os Fenícios do Ocidente. Em todo esse processo, parece-nos inegável a relevância do papel desempenhado pelos grupos indígenas do Bronze Final. A evolução interna destas comunidades, desenvolvida, desde o Calcolítico, no sentido de uma acentuada hierarquização social (Soares e Tavares da Silva 1998; 2000) havia conduzido, na Estremadura Portuguesa, à emergência de elites dirigentes, as quais poderiam mesmo ter integrado estrutura embrionária de poder político (Cardoso, 2002: 14). Essas elites ter-se-iam afirmado no âmbito de intensa actividade comercial trans-regional, e até extrapeninsular, baseada essencialmente na metalurgia do bronze e na circulação, através de complexa rede de intercâmbios, dos respectivos produtos manufacturados. A situação geográfica dessa região favoreceu, evidentemente, tais relações: ponto de encontro entre o Norte e o Sul, o interior e o litoral, aí afluíam, através do Sado, o cobre alentejano, e, pelo vale do Tejo, o estanho e o ouro explorado nas aluviões deste rio. Por outro lado, aí se cruzavam as correntes comerciais atlântica e mediterrânea, que seriam certamente controladas por aquelas elites. As relações com o Mediterrâneo –as que neste momento mais nos interessam– deixaram numerosos testemunhos. A título de exemplo, atenda-se, por um lado, à presença de artefactos de origem provavelmente estremenha no depósito de bronzes do Monte Sa Idda, Sardenha, datável dos séculos X-IX a. C. (Taramelli 1921), onde figuram machados de alvado de duas argolas e foices de tipo Rocanes, itens que coexistiam na Estremadura portuguesa e onde poderiam ter sido produzidos, como é sugerido pelo aparecimento, em Casal de Rocanes (Sintra), de um molde de fundição de foice desse tipo; e, por outro, à presença, na região estremenha, de peças de clara origem mediterrânea, como a fíbula de cotovelo e as facas de ferro exumadas na Quinta do Marcelo (Almada) em contexto datado do século IX a. C. (Barros 2000).

Para além das evidências da referida actividade comercial, da importação de objectos de prestígio, da produção de jóias, como o colar em ouro do Casal de Santo Amaro (Sintra), dispomos de outros indicadores da existência, durante o Bronze

Final, nas áreas das desembocaduras do Tejo e Sado, de formações sociais complexas; referiremos, sucintamente, a hierarquização do povoamento e a sepultura principesca da Roça do Casal do Meio.

Têm sido identificados na Península de Lisboa numerosos vestígios de “casais agrícolas” de Bronze Final, pequenos *habitats* ocupando áreas abertas, sem condições naturais de defesa, e com solos de elevada capacidade agrícola; o melhor exemplo conhecido é o da Tapada da Ajuda (Lisboa), datável do século XIII a. C., cuja escavação forneceu centenas de elementos de foice denticulados, em sílex (Cardoso *et alli* 1986), o que faz supor que as correspondentes produções cerealíferas ultrapassariam em muito as necessidades domésticas da comunidade que ali viveu. Esta integrar-se-ia, por conseguinte, “numa estrutura sócio-económica organizada à escala regional, ancorada em núcleos demográficos mais importantes, a partir dos quais se administrariam territórios bem delimitados” (Cardoso 2002:13). E, com efeito, esse território era pontuado por povoados de altura, por vezes de grandes dimensões e providos de excelente visibilidade, como o Cabeço de Moinhos (Mafra), Castelo dos Mouros (Sintra) e Colina do Castelo de São Jorge (Lisboa).

Quanto ao monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), trata-se, no quase nulo registo funerário do Bronze Final da Estremadura portuguesa, de uma sepultura notável pela sua riqueza arquitectónica e artefactual, indicadora de uma sociedade fortemente hierarquizada. De tipo *tholos*, com *dromos*, e datável do século XI/X a.C., recebeu tão somente duas inumações acompanhadas por importantes itens de prestígio de que salientamos uma fíbula com paralelos nas fíbulas sicilianas da fase Pantálica II/III, pinças depilatórias e um pente de marfim (Spindler *et alii* 1973-74). De notar que alguns destes itens se encontram representados em “estelas estremenhas”, constituindo a de Ervidel II um dos melhores exemplos pelo *discurso de poder* patente na sua iconografia (Gomes e Monteiro 1976-77).

Em suma, as formações sociais da Estremadura portuguesa possuíam, no final da Idade do Bronze, um estágio de desenvolvimento que lhes teria permitido, através das suas elites dirigentes, interagir positivamente com os Fenícios do Ocidente aí chegados no século VIII a. C. Essa região, ao comportar-se como uma encruzilhada onde convergiam as vias do cobre, do estanho e do ouro terá desempenhado papel de relevo na complexa rede de intercâmbios então estabelecida.

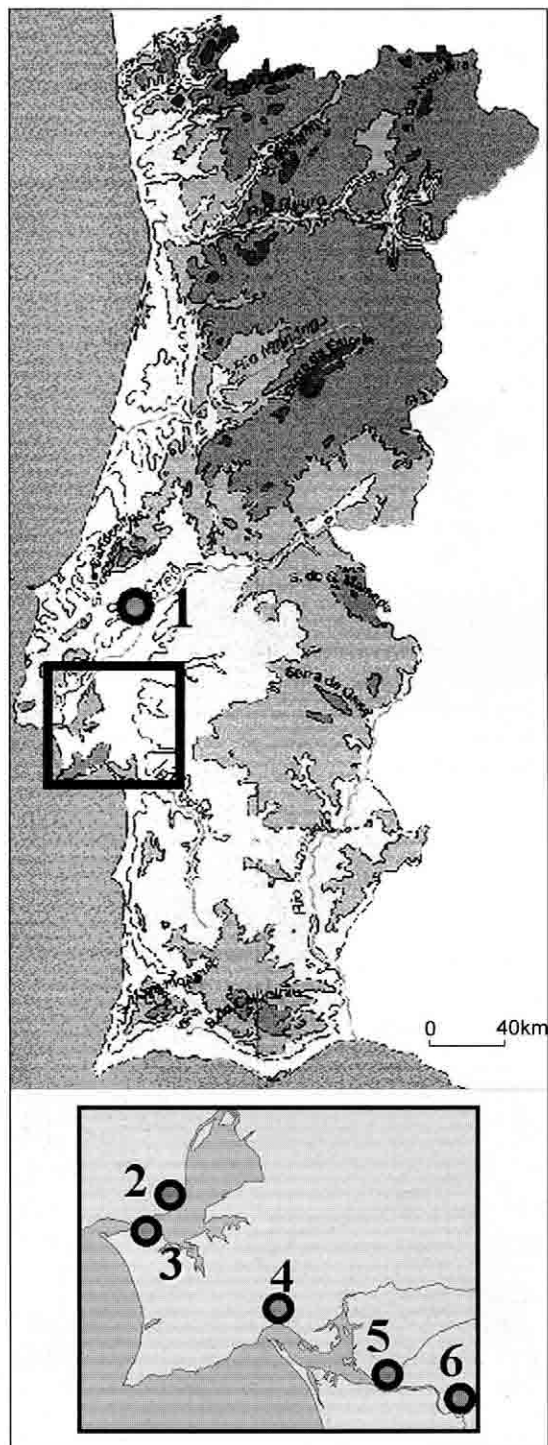


Fig. 1.- Localização dos principais sítios do período orientalizante dos paleoestuários do Tejo e do Sado: 1: Alcáçova de Santarém; 2: Lisboa (colina do Castelo de São Jorge); 3: Almaraz (Almada); 4: Setúbal (colina de Santa Maria); 5: Abul; 6: Alcácer do Sal.

1.- PRIMEIROS CONTACTOS

Referimo-nos aos primeiros contactos regulares, não meramente esporádicos como os resultantes de eventuais incursões exploratórias fenícias. A essa primeira fase do processo de orientalização correspondem contextos arqueológicos caracterizados por escassa cerâmica fenícia (menos de 20%). Assim, na Alcáçova de Santarém (Fig. 2), as escavações dirigidas por Ana Margarida Arruda a partir de 1983 (Arruda 1999-2000) permitiram identificar, na base da potente sequência estratigráfica que abrange toda a Idade do Ferro e se prolonga pelas épocas romana e muçulmana, níveis arqueológicos contendo elevada percentagem (entre 86% e 96%) de cerâmica manual de tradição local, como a decorada por rectícula brunida. A cerâmica ao torno, de filiação fenícia (Fig. 3), integra pratos de engobe vermelho de bordo estreito e altos quocientes entre o diâmetro da boca e a largura do lábio, aproximando-se morfologicamente dos encontrados nos níveis superiores da fase B1 de Mezquitilla (Arruda 1999-2000: 186); páteras carenadas de engobe vermelho; cerâmica pintada de bandas, designadamente um exemplar correspondente a um “storage jar” decorado por linhas paralelas vermelhas e negras, e escassos *pithoi* com colos de paredes rectilíneas, bordos com inflexões angulosas, resalto na separação do colo com o bojo; cerâmica cinzenta fenícia ocidental, sendo a forma mais comum (aliás, a mais abundante em toda a

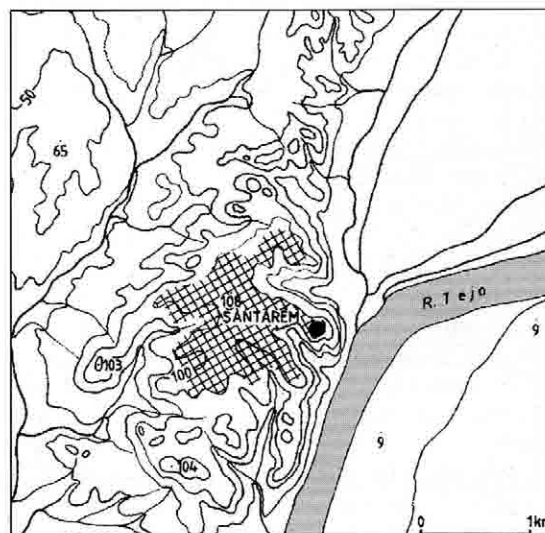


Fig. 2.- Localização da Alcáçova de Santarém, assinalada por círculo negro (s. Arruda 1999-2000).

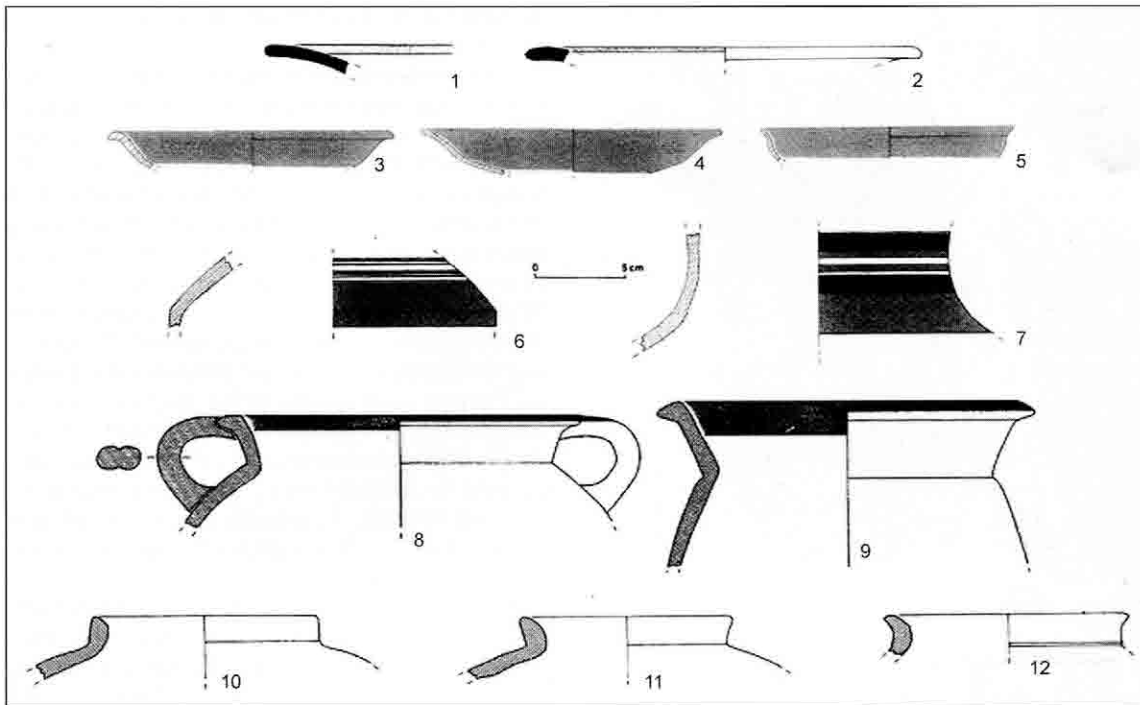


Fig. 3.- Cerâmicas ao torno dos níveis inferiores da Alcáçova de Santarém. 1-5: cerâmica de engobe vermelho; 6-9: cerâmica pintada de bandas; 10-12: ânforas. (Seleção do autor com base em Arruda 1999-2000).

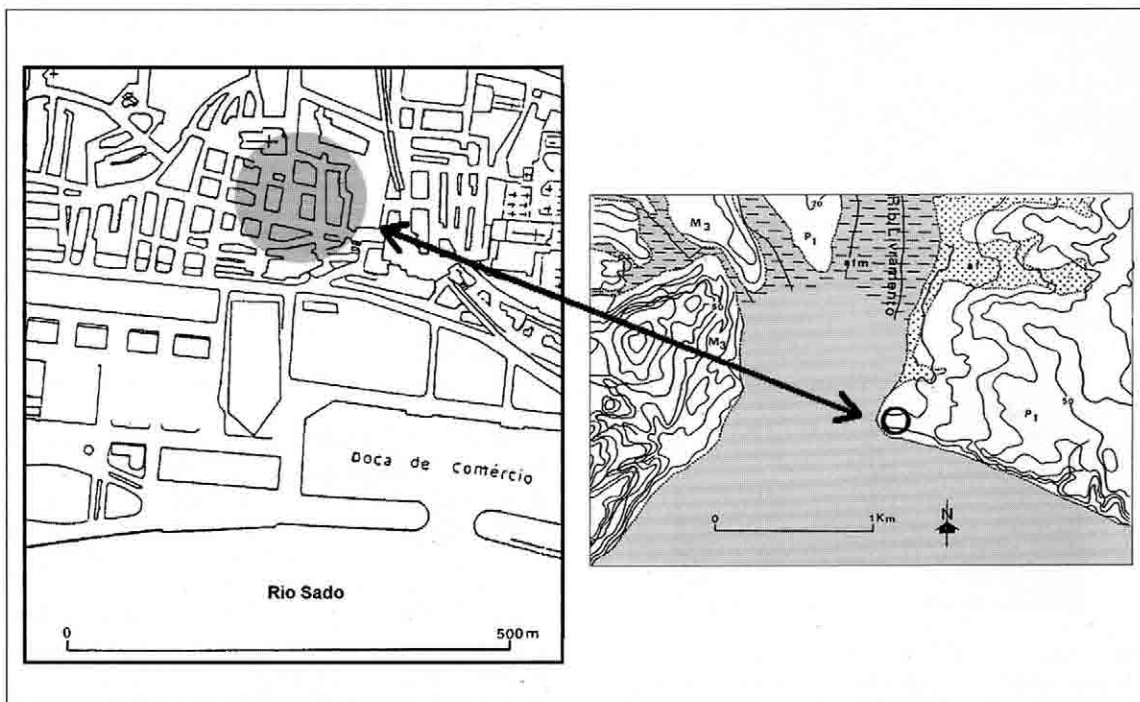


Fig. 4.- Localização da colina de Santa Maria na malha urbana de Setúbal e reconstituição paleogeográfica, com implantação do povoado da Idade do Ferro.

sequência estratigráfica da Idade do Ferro de Santarém) a taça de bordo com ligeiro espessamento arredondado, que coexiste com raros pratos de bordo aplanado; ânforas do tipo 10.1.1.1. de Ramon.

Os níveis inferiores de Santarém foram datados radiocarbonicamente de finais do século X aos inícios do século VIII a.C. Porém, a tipologia dos materiais sugere uma primeira ocupação do Período Orientalizante com uma cronologia tradicional ou histórica de finais do século VIII e primeira metade do século VII a.C.

Localizado a 80 quilómetros da foz do Tejo, na área mais a montante do paleoestuário, e abrangendo relevo amesetado com cerca de 4,5 ha., sobranceiro ao Tejo, o povoado orientalizante de Santarém ter-se-ia comportado como o ponto de encontro entre os mercadores fenícios e a população indígena detentora dos recursos endógenos explorados numa vasta área que poderia atingir a região metalífera da Beira interior.

Ao mesmo horizonte de transição para a Idade do Ferro, durante o qual se assiste ao início do processo de interacção da população autóctone com grupos de mercadores fenícios em expansão para Ocidente, parece pertencer o nível mais profundo da potente sequência estratigráfica que tivemos oportunidade de estudar na Travessa dos Apóstolos, na colina de Santa Maria, em Setúbal (Soares e Tavares da Silva, 1986). A colina de Santa Maria (Fig. 4) seria, à época, uma pequena península, com cerca de 2,5 ha., banhada pelas águas da baía de Setúbal e de um largo e extenso braço de mar que abrangeria a actual Baixa dessa cidade e que ofereceria condições naturais para a prática da salicultura.

No referido nível arqueológico da Travessa dos Apóstolos surgiram cerâmicas produzidas ao torno, de origem fenícia (ânforas, cerâmica cinzenta, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica pintada policroma e cerâmica comum), juntamente com elevada percentagem (84%) de cerâmica de fabrico manual tipologicamente característica do final da Idade do Bronze.

2.- FIXAÇÃO TERRITORIAL

O processo de diálogo intercultural criou condições propícias ao estabelecimento de um povoado de fundação fenícia, no estuário do Sado. De facto, em meados do século VII a.C., funda-se em Abul uma feitoria fenícia (Mayet e Tavares da Silva, 2000). Este local –uma pequena península

(Figs. 5 e 6) da margem direita do paleoestuário, de onde se dominava visualmente a desembocadura deste – era servido por duas enseadas, que ofereciam condições de porto natural, e gozava de excelente localização geoestratégica, tendo em vista a manutenção de relações com os povoados indígenas e com a região mineira da Serrinha (Palma) a que a ribeira de São Martinho, afluente do Sado, dava acesso directo. Em Abul é então construído um amplo edifício de planta quadrangular (Fig. 8), provido de um pátio central igualmente quadrangular, rodeado a oeste, norte e este por compartimentos rectangulares, por vezes de grandes dimensões, que teriam servido como armazéns, e a sul por pequenos compartimentos utilizados talvez com funções habitacionais e/ou “administrativas”. Tratava-se de um “palácio-feitoria” com características marcadamente orientais. A pequena elevação sobre a qual se erguia era rodeada por um fosso.

Esse edifício sofre uma remodelação, provavelmente no último quartel do século VII a.C. (Fig. 9). O pátio central é reduzido e rodeado por um corredor perimetral, com o qual comunica através de amplos vãos abertos nos seus quatro lados. Este conjunto central, formado pelo pátio e corredor, era rodeado por compartimentos rectangulares: uns, de grandes dimensões distribuídos ao longo dos lados este, norte e oeste, teriam sido, tal como no edifício inicial, utilizados como armazéns; outros, situados no lado sul e de pequenas dimensões, teriam desempenhado funções habitacionais (presença de lareiras). A entrada principal da primeira fase foi abandonada e deslocada para o lado sul, sendo, exteriormente, servida por uma calçada de grandes lajes de brecha da Arrábida que se sobrepôs ao fosso, o qual já então estaria inoperante e colmatado por lixos domésticos.

O edifício da segunda fase parece ter sido abandonado durante a primeira metade do século VI a.C.

O carácter fenício de Abul encontra-se claramente expresso na arquitectura, com paralelos no Mediterrâneo oriental, no padrão locativo e no espólio exumado, o qual comporta todas as grandes categorias cerâmicas próprias da cultura material fenícia ocidental (Figs. 10-12).

O comércio foi, por certo, a principal actividade económica desenvolvida em Abul. Muita da cerâmica é de importação, como foi demonstrado pelas análises petrográficas efectuadas; identificou-se um grupo de pasta (presente em recipientes de engobe vermelho, de cerâmica cinzenta ao torno,

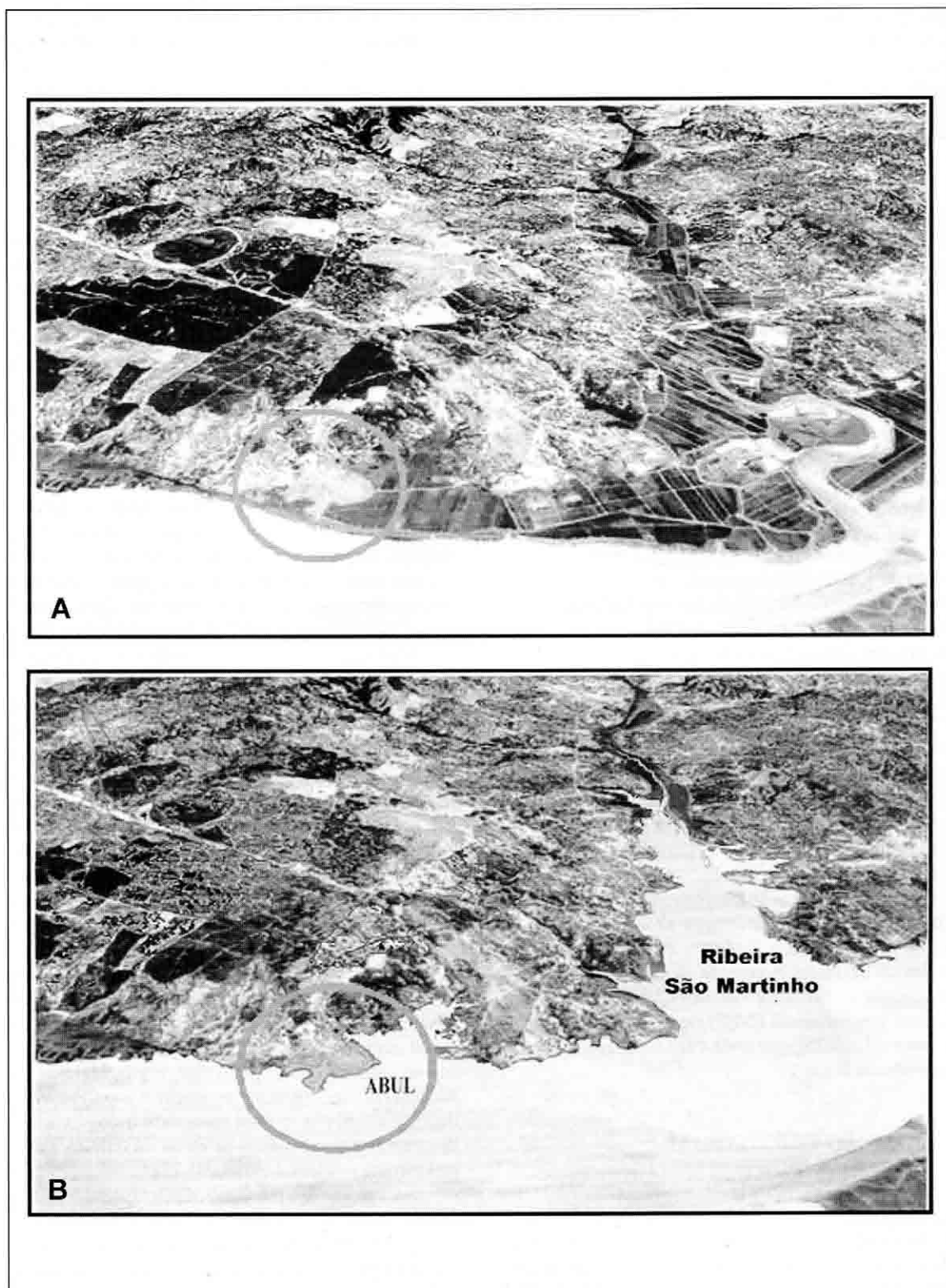


Fig. 5.- Localização de Abul (imagem SPOT) e reconstituição paleogeográfica. (s. Guy et alii 2000).



Fig. 6.- Abul A, em fotografia aérea obtida com os arrozais alagados.

de cerâmica pintada de bandas e em ânforas) igualmente detectado na cidade fenícia do Castillo de Doña Blanca, na baía de Cadiz.

Outras actividades económicas estão igualmente documentadas, como a criação de gado (boi, ovelha/cabra e porco –este último, raro–) (Cardoso, 2000), a agricultura, a fiação (presença de fusaiolas) e a metalurgia do ferro (aparecimento de tubo de fole de fundição, de secção rectangular e com dois orifícios longitudinais; de minério e de escórias). A caça, a pesca e o marisqueio estão mal representados.

3.- CONSOLIDAÇÃO DAS FORMAÇÕES SOCIAIS DO FERRO ORIENTALIZANTE

Quer em Santarém, quer em Setúbal, dois povoados de inegável fundação indígena que possuem estratos correspondentes à fase dos *primeiros contactos*, nota-se –quando ascendemos na sequência estratigráfica, e imediatamente sobre os níveis da primeira fase, em momento datável da segunda metade do século VII a.C. ou da passagem deste século para o seguinte– um aumento considerável da frequência relativa da cerâmica de filiação fenícia. No caso de Setúbal, enquanto o estrato da Fase I oferece somente 16% de cerâmica fenícia, no estrato da Fase II a percentagem deste material sobe para 76%. Este aspecto é, sem dúvida, um bom indicador da plena orientalização das culturas indígenas. Mas porquê este súbito aumento dos artefactos fenícios na cultura material? A explicação poderá residir no facto de, no decurso da intensificação dos contactos entre Fenícios e população autóctone, desenvolvida em atmosfera de equilibrada interacção, aqueles, em dado momento, se terem instalado em povoados indígenas, desencadeando-se um processo de verdadeira miscigenação étnica e cultural.

Essa fase de plena orientalização, que teria ocorrido, pois, a partir de finais do século VII a.C., encontra-se igualmente bem representada em Alcácer do Sal (no paleoestuário do Sado), em Almaraz e Lisboa (no Tejo). Os três povoados foram ocupados durante o Bronze Final, mas parece existir uma descontinuidade entre esta ocupação e a da fase plenamente orientalizante. Ou seja, não foi ainda aí identificado estratigraficamente o

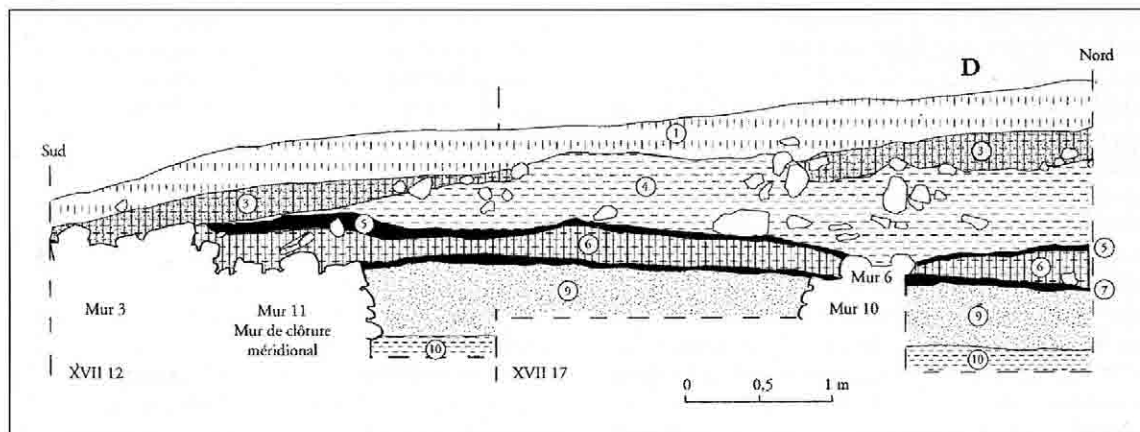


Fig. 7.- Perfil estratigráfico de Abul A1. As camadas 7 e 5 correspondem aos pisos, em argila vermelha, das fases, respectivamente, I e II, separados por nível de regularização (camada 6) (s. Mayet e Tavares da Silva).

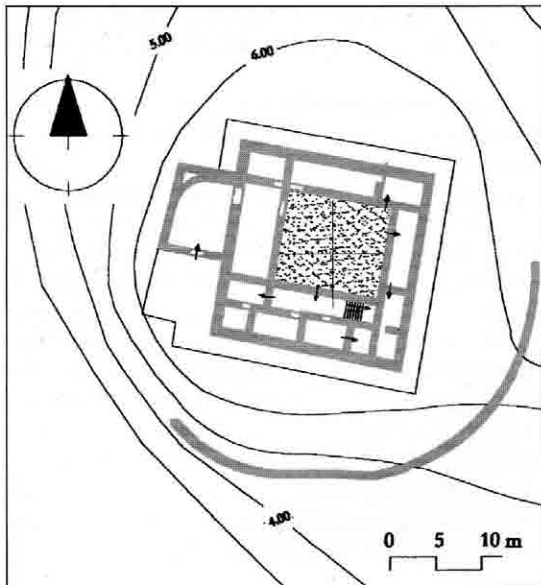


Fig. 8. - Planta esquemática do edifício da Fase I de Abul Al. Indica-se igualmente parte do traçado do fosso que o cercava. (s. Mayet e Tavares da Silva).

primeiro momento de interacção entre indígenas e fenícios, dos finais do século VIII a.C. e da primeira metade do século VII a.C.

Com efeito, em Alcácer do Sal, quer no povoado, quer na necrópole, a maioria dos conjuntos artefactuais do Período Orientalizante não parece ser anterior aos finais do século VII a. C. (Fig. 16). Contudo, considerando a sua localização, na zona mais a montante do paleoestuário, e de onde se controlava totalmente o acesso fluvial ao interior alentejano, Alcácer poderia ter sido o grande povoado indígena do Baixo Sado a receber os primeiros contactos com o mundo fenício. Na acrópole (onde se ergue o castelo muçulmano –Fig. 14–), as escavações que aí efectuámos em 1979-81, muito limitadas em área, revelaram (Tavares da Silva *et alii* 1980-81) um estrato do Bronze Final (camada 11) sem quaisquer materiais de origem fenícia, sobreposto directamente, mas em provável descontinuidade estratigráfica, por um conjunto de níveis (camadas 10 e 9) dos finais do século VII e da primeira metade do século VI a. C. (em cronologia tradicional). A cerâmica manual, ocorrendo na percentagem de 11,5% (camada 10) e 8,7% (na camada 9), oferece elementos de origem autóctone radicados no Bronze Final, como, por exemplo, rara decoração de ornatos brunidos. A cerâmica ao torno comporta todas as grandes categorias de cerâmica fenícia do Ocidente (Fig. 16):

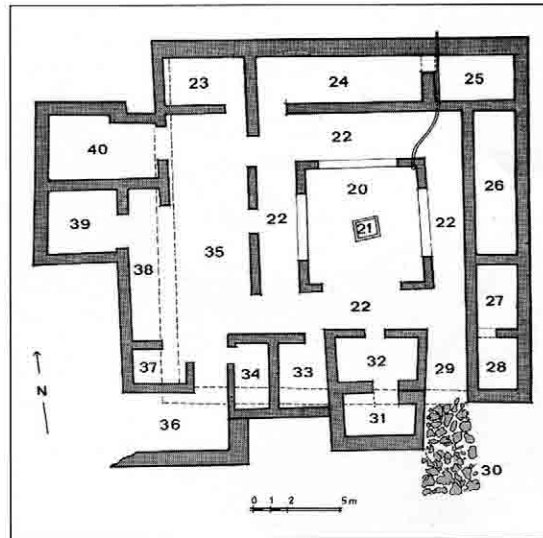


Fig. 9. - Planta esquemática do edifício da Fase II de Abul Al. 20: pátio; 21: edícula; 22: corredor perimetral; 23-28: armazéns; 29-30: área da entrada principal da fase II, com calçada exterior (30) (s. Mayet e Tavares da Silva, 2000, fig. 60).

cerâmica de engobe vermelho (9% na camada 10 e 5% na camada 9), com pratos de bordo em aba e páteras carenadas; cerâmica cinzenta (10% na camada 10 e 14% na camada 9, predominando a de superfícies negras polidas em ambas as camadas), em que as formas mais comuns são a taça de bordo com ligeiro espessamento interno convexo e o prato de bordo extrovertido; cerâmica pintada de bandas policromas (6% na camada 10 e 5% na 9) que ocorre sobretudo em *pithoi*; ânforas (11% e 10%, respectivamente, nas camadas 10 e 9), do tipo 10.1.2.1 de Ramon; e cerâmica comum (50% na camada 10 e 56% na 9). Tendo em vista atribuir uma cronologia a este contexto, atendemos sobretudo: à baixa percentagem da cerâmica de fabrico manual; nos pratos de engobe vermelho, aos valores máximos da largura dos bordos (58 mm) e mínimos do quociente entre o diâmetro da boca e a largura do bordo (3,9) e ainda ao facto de alguns exemplares apresentarem sulco perimetral na extremidade do lábio; na cerâmica cinzenta, ao acentuado predomínio das superfícies negras sobre as cinzentas claras e à ocorrência de formas evolucionadas como o vaso de bordo extrovertido, colo estrangulado e com *bourrelet* na parte superior de um bojo de tendência globular; na cerâmica pintada, à presença de *pithoi* de bordo e colo de perfil curvilíneo, sem ressalto entre o colo e o bojo e pintura de bandas brancas e vermelhas.

Estes aspectos sugerem-nos, como atrás dissemos, uma cronologia tradicional ou histórica compreendida entre finais do século VII e meados do século VI a. C.

O referido horizonte estratigráfico revelou estruturas constituídas por muros rectilíneos e ortogonais (Fig. 15), possuindo a base formada por blocos de calcarenito, ligados por argila, e a parte superior, por adobes; foram identificados pavimentos revestidos por argila vermelha; pelo menos alguns dos muros seriam revestidos igualmente por argila da mesma cor. Embora tenham surgido, nas camadas 10 e 9 do Castelo de Alcácer do Sal, algumas cerâmicas manuais de clara

tradição indígena (rara cerâmica de ornatos bruidos, por exemplo), não podemos afirmar, no estado actual dos nossos conhecimentos sobre esta jazida, e atendendo à elevada frequência, nessas camadas, de testemunhos de carácter fenício, que o estabelecimento de finais do século VII e primeira metade do século VI de Alcácer do Sal seja de origem indígena. Temos admitido, em publicações anteriores, a continuidade entre a ocupação do Bronze Final e a do Período Orientalizante. A ser assim, tal como teria sucedido em Santarém e em Setúbal, o povoado indígena de Alcácer do Sal poderia ter acolhido, na passagem do século VII para o VI a. C., população fenícia que, ao instalar-se

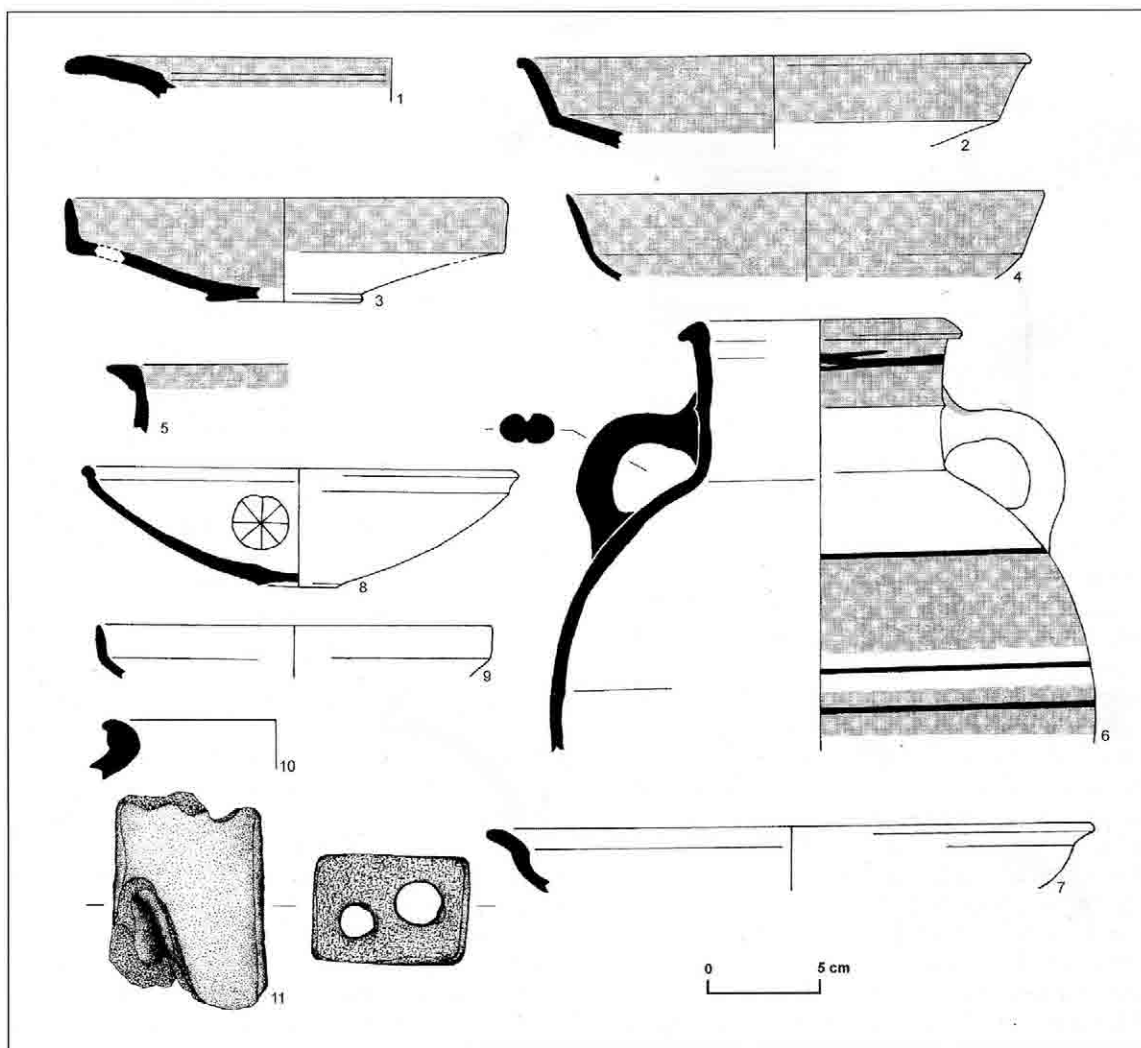


Fig. 10.- Material da Fase I de Abul AI: 1-3: cerâmica de engobe vermelho; 4: cerâmica de "paredes finas", pintada; 5-6: cerâmica pintada de bandas; 7-9: cerâmica cinzenta; 10: ânfora; 11: tubeira de fole de fundição. (Seleção do autor com base em Mayet e Tavares da Silva 2000).

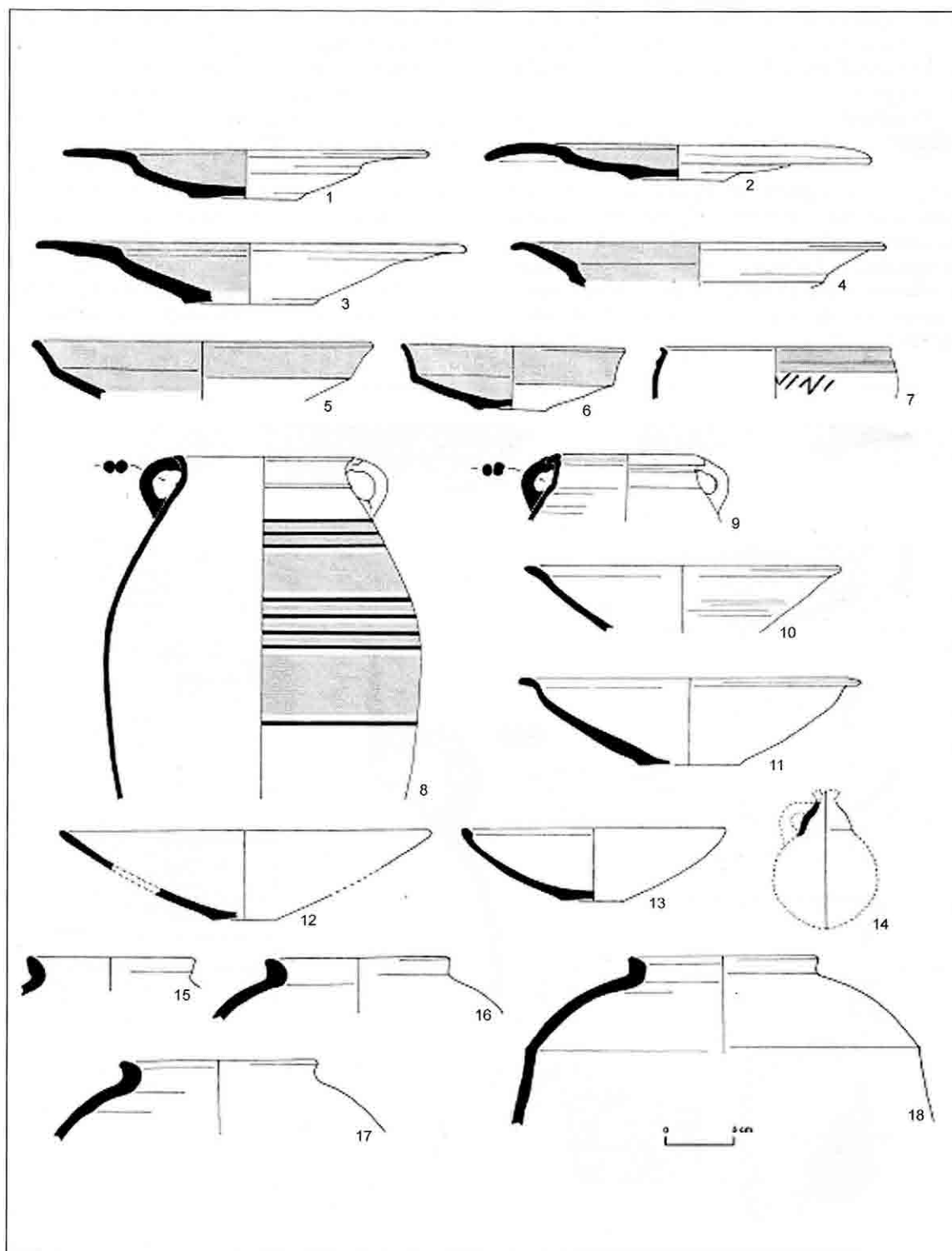


Fig. 11.- Material do final da Fase I de Abul A1. 1-6 : cerâmica de engobe vermelho; 7-9: cerâmica pintada de bandas; 10-13: cerâmica cinzenta; 14: "ampola" em cerâmica comum; 15-18: ânforas. (Seleção do autor com base em Mayet e Tavares da Silva, 2000).

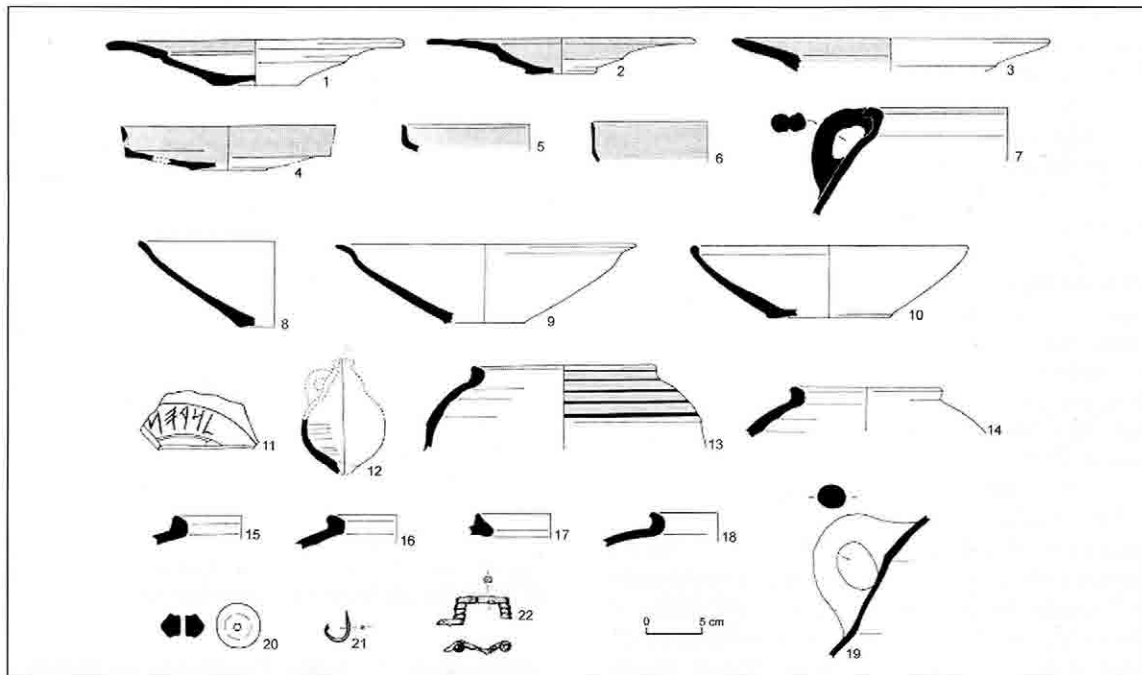


Fig. 12.- Material da Fase II de Abul A1. 1-5: cerâmica de engobe vermelho; 6: cerâmica de “paredes finas” pintada; 7: pithos; 8-11: cerâmica cinzenta (o nº 11 com grafito); 12: “ampola”; 13-19: ânforas; 20: fusaiola; 21: anzol em bronze; 22: fíbula de dupla mola, em bronze. (Seleção do autor, com base em Mayet e Tavares da Silva, 2000).

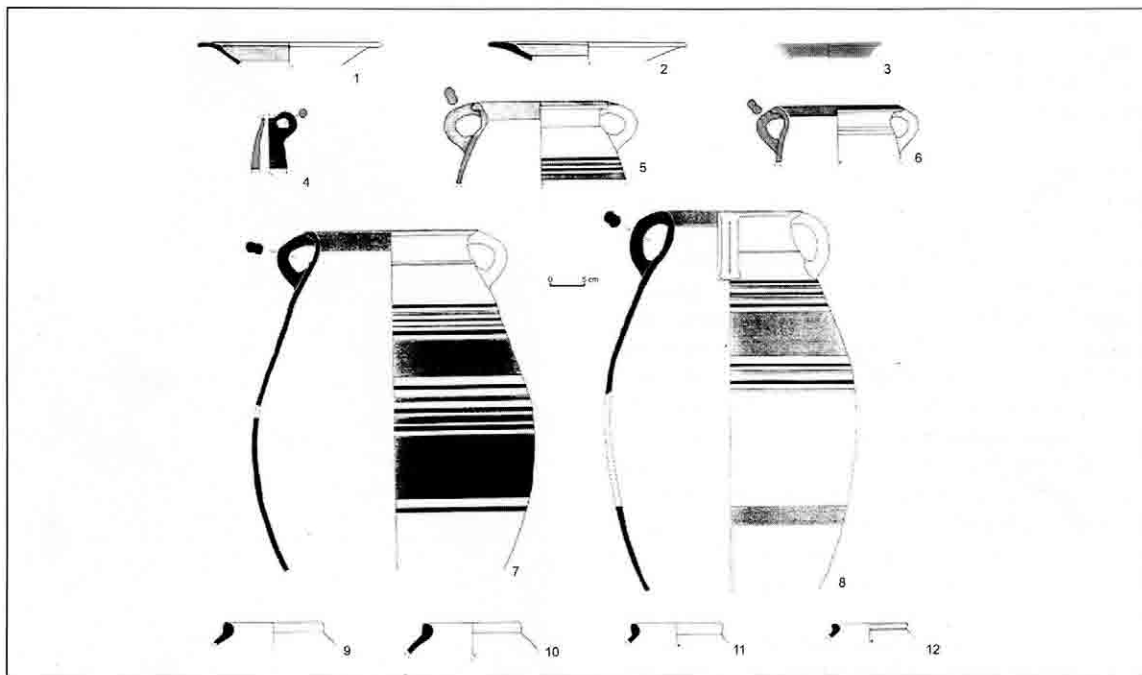


Fig. 13.- Cerâmicas ao torno dos níveis médios da Alcáçova de Santarém (fase da plena orientalização): 1-4: cerâmica de engobe vermelho; 5-8: cerâmica pintada de bandas; 9-12: ânforas. (Seleção do autor com base em Arruda, 1999-2000, figs. 117, 119, 120, 122, 127, 128 e 142).

aí, iria acelerar o processo de orientalização da população autóctone. Porém, os dados neste momento disponíveis confrontam-nos com um hiato entre aqueles dois estratos de ocupação, pelo que podemos aceitar que as camadas 10 e 9 correspondem a ocupação puramente fenícia (ou plenamente orientalizada) estabelecida em local abandonado desde o Bronze Final.

Esta problemática é igualmente levantada pelos dados de Almaraz, na margem esquerda do estuário do Tejo e, de certo modo, pelos de Lisboa, na margem oposta.

Almaraz, a mais amplamente escavada das duas jazidas, ocupa elevação em esporão com cerca de 6 ha, sobranceira ao Tejo (Fig. 17). Também aqui foi identificado um estrato do Bronze Final. Mas também no caso desta jazida não foi ainda colmatado, pelas publicações produzidas, o hiato (pelo menos aparente) entre a ocupação do Bronze Final e o mais antigo contexto publicado do Período Orientalizante (Barros *et alii* 1993). E este contexto (base da sequência estratigráfica da fossa de detritos do Q. U45.3) não pode ser datado (em cronologia tradicional) de período anterior ao século VI a.C., se atendermos às formas muito evolucionadas da abundante cerâmica de engobe vermelho que forneceu (Fig. 18). Contudo, durante este século, Almaraz revela intensa orientalização, com abundante cerâmica de produção local e/ou regional de engobe vermelho, formalmente muito diversificada (Arruda 1999-2000), cerâmica cinzenta, cerâmica pintada de bandas e ânforas. Defendido por muralha e fossos e servido por zona portuária situada em Cacilhas (Fig. 17), a importância deste povoado, no contexto do comércio fenício ocidental, é reforçada não só pela abundante cerâmica de tipo fenício aí exumada, mas também por alguns achados de excepcional significado, de que destacamos um vaso de alabastro e dois pequenos pesos de chumbo idênticos aos do Cerro del Villar; aí funcionaram indústrias transformadoras, como a da metalurgia do ouro. Almaraz poderia ter representado o papel de “lugar central”, onde residiria a elite político-administrativa que controlaria um território de que fariam parte pequenos *habitats* orientalizados, alguns dotados de vocação agro-pecuária, como os da Quinta da Facha e da Pedrada, na Cova da Piedade (Barros 1999; Arruda 1999-2000).

A documentação arqueológica até agora obtida na colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa (Fig. 19), não obstante a reduzida área escavada, autoriza a dizer que o local foi ocupado durante o Bronze Final e Período Orientalizante. Mas, tal como

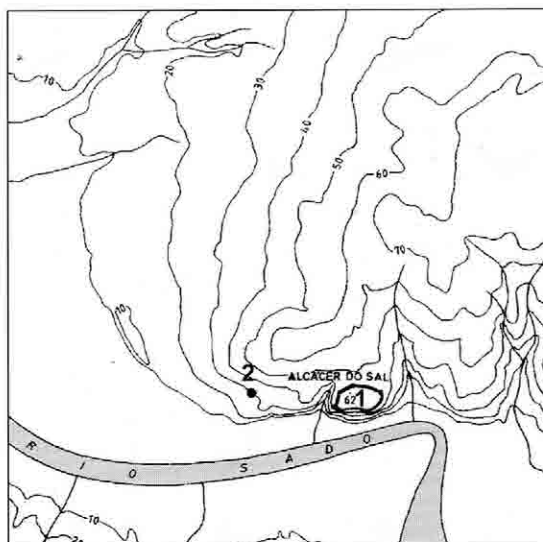


Fig. 14.- Localização do castelo de Alcácer do Sal (1) e da necrópole do Senhor dos Mártires (2) (s. Arruda).



Fig. 15.- Estruturas sobrepostas do Período Orientalizante do Castelo de Alcácer do Sal. O piso sobre o qual se encontra a escada (1 m) é de argila vermelha.

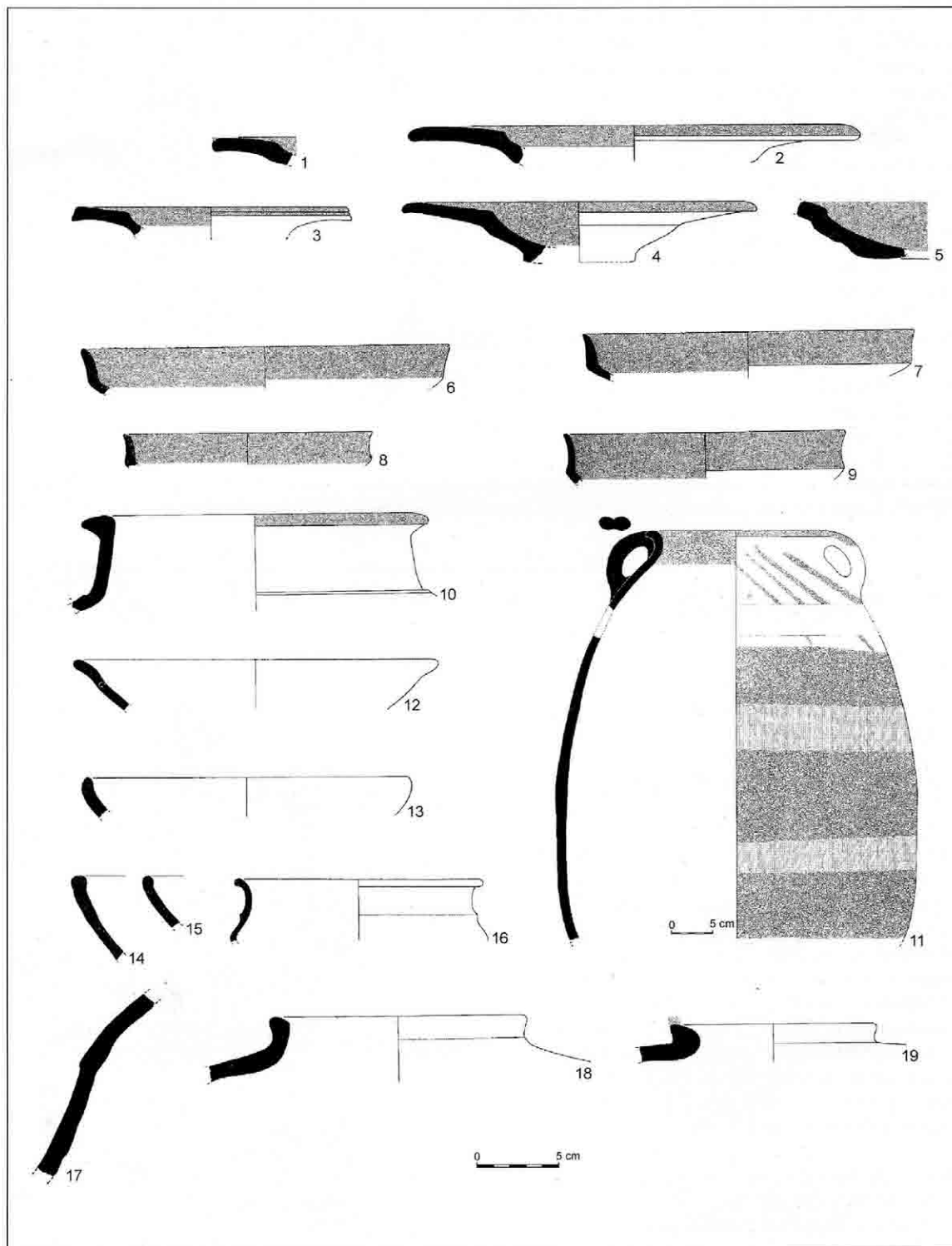


Fig. 16.- Cerâmica da Fase III (plenamente orientalizante) do Castelo de Alcácer do Sal: 1-9: cerâmica de engobe vermelho; 10-11: cerâmica pintada de bandas (pithoi); 12-16: cerâmica cinzenta; 17-19: ânforas. (Seleção do autor, com base em Tavares da Silva et alii 1980-81).



Fig. 17.- Localização, na malha urbana de Almada, do povoado de Almaraz (1) e da área portuária de Cacilhas (2).

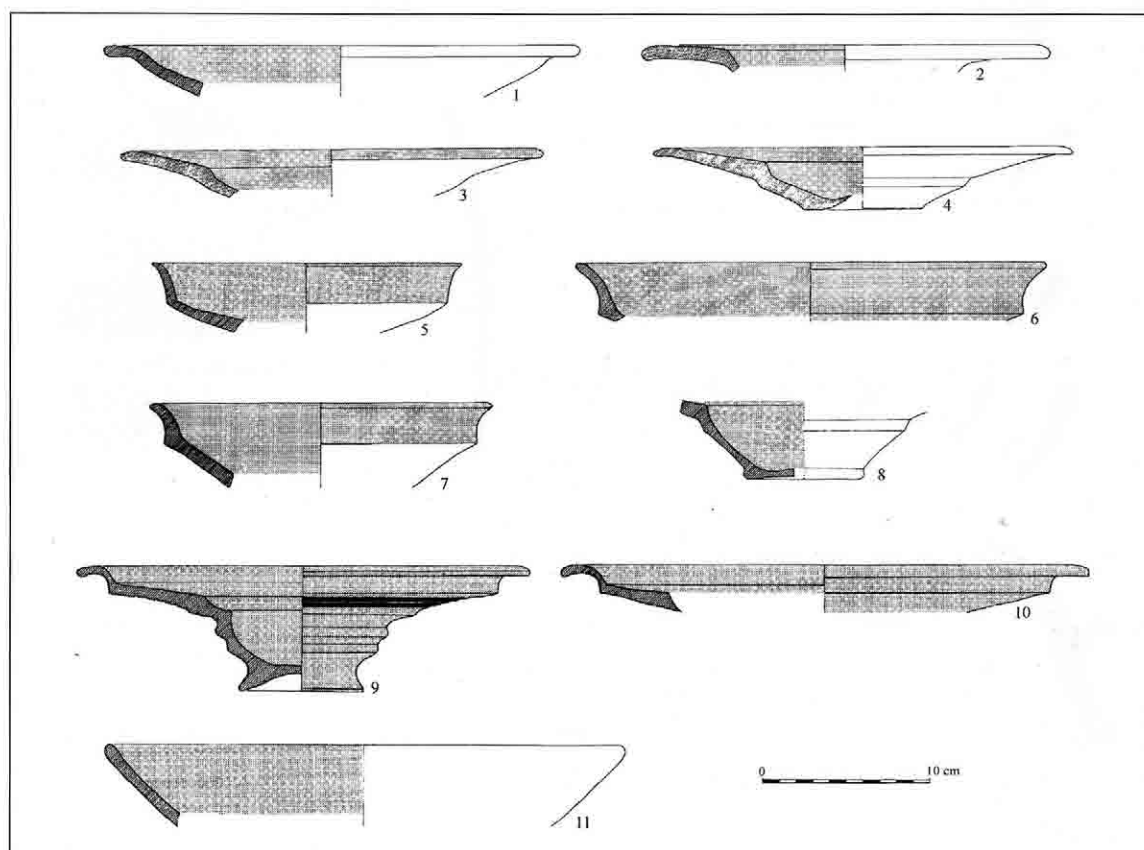


Fig. 18.- Cerâmica de engobe vermelho da base da sequência estratigráfica da fossa de detritos do Q. U45.3 do povoado de Almaraz. (Seleção do autor com base em Barros et alii 1993).

em Almaraz e Alcácer do Sal, a maior parte do material arqueológico correspondente a este último horizonte (Fig. 20), proveniente de pequena sondagem aberta no claustro da Sé (Amaro, 1993), centra-se (em cronologia tradicional) no século VI a. C. (Arruda, 1999-2000).

A excelente qualidade e a diversidade da cerâmica de origem fenícia aí exumada, bem como a área potencialmente ocupada durante esse período (cerca de 12 ha) permitem supor que se trataria, à semelhança de Almaraz, de um grande povoado a partir do qual se dominaria político-administrativamente vasto território que integraria pequenos *habitats*, como os da Outorela (Cardoso 1990) e Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira 1997), datáveis (em cronologia tradicional) do final do século VI e do século V a. C. (Arruda 1999-2000).

CONCLUSÃO

A informação disponível referente ao Bronze Final e ao Período Orientalizante dos paleoestuários do Tejo e Sado, ainda que muito fragmentária, permite traçar, de forma sucinta e esquemática, o seguinte quadro evolutivo:

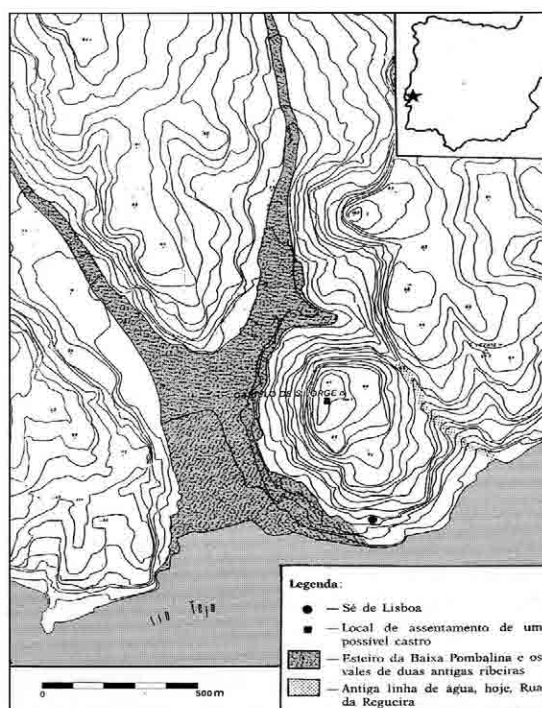


Fig. 19.- Reconstituição paleogeográfica com a localização da colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa (s. Amaro).

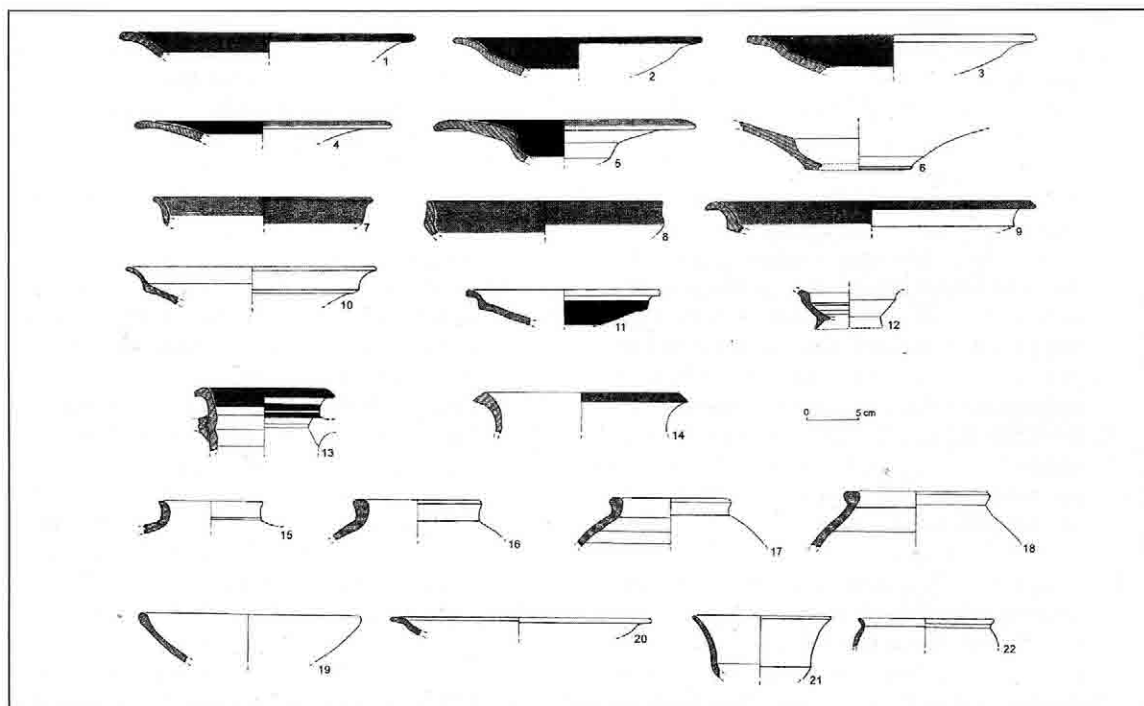


Fig. 20.- Cerâmicas do Período Orientalizante provenientes da Sé de Lisboa: 1-12: cerâmica de engobe vermelho; 13 e 14: cerâmica pintada de bandas; 15-18: ânforas; 19-22: cerâmica cinzenta. (Seleção do autor com base em Arruda 1999-2000).

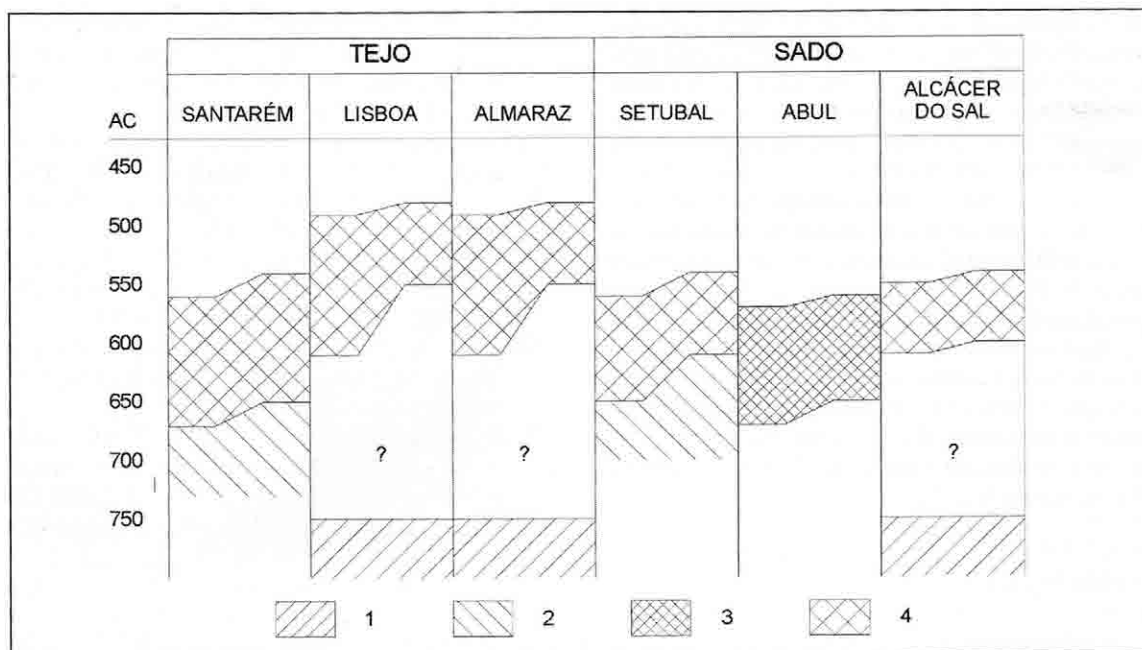


Fig. 21.- Ocupações do Bronze Final e do Período Orientalizante de jazidas dos estuários do Tejo e Sado. 1: Horizonte do Bronze Final (ausência de cerâmica fenícia); 2: horizonte orientalizante inicial: "primeiros contactos" (abundante cerâmica do Bronze Final e rara cerâmica fenícia); 3: horizonte fenício; 4: horizonte plenamente orientalizante (cerâmica fenícia muito abundante).

- 1) No final da Idade do Bronze, no século VIII a.C. —em resultado de um processo histórico que, desde o Calcolítico, havia acentuado a hierarquização e a desigualdade sociais e a centralização do poder, processo incrementado pelo desenvolvimento de complexas redes de intercâmbio relacionadas com o comércio do cobre e do estanho e a produção de artefactos de bronze e ouro—, as comunidades da Estremadura portuguesa encontravam-se num estágio económico-social que lhes permitia interagir positivamente (sobretudo através das elites dirigentes) com os mercadores fenícios recém-chegados.
- 2) Do final do século VIII a.C. a meados do século VII a.C. teriam ocorrido os "primeiros contactos" regulares entre Fenícios e autóctones, talvez ainda sem a instalação permanente daqueles. Esta fase parece encontrar-se bem representada nos estratos inferiores de Santarém e Setúbal.
- 3) Por meados do século VII a.C., assiste-se à instalação dos Fenícios em estabelecimento próprio: é fundada a feitoria de Abul, no estuário do Sado, cujas relações com Gadir foram amplamente demonstradas.
- 4) O estabelecimento de feitorias fenícias teria certamente contribuído para a intensificação dos contactos entre Fenícios e autóctones; nos finais do século VII, pode ter ocorrido mesmo a instalação dos primeiros no interior de povoados indígenas (Fases II de Santarém e Setúbal), desencadeando-se então uma fase de expansão e reurbanização desses povoados em moldes substancialmente distintos dos do Bronze Final e integrando as inovações tecnológicas e culturais mediterrâneas veiculadas e filtradas pela formação social fenícia ocidental.
- 5) Este processo, que teve na sua base o desenvolvimento da actividade comercial das formações sociais do Bronze Final, fortaleceu os grupos dirigentes autóctones, controladores das redes de intercâmbio. Deste modo, emergiram formas de estratificação social (classes sociais), surgindo, por conseguinte, aparelhos de carácter político-administrativo e coercitivo, ou seja, estatal, ao serviço da classe dominante. No seio deste modo de produção, e em ambiente de profunda orientalização, formam-se, no decurso do século VI a.C., importantes aglomerados urbanos,

como Santarém, Almaraz, Lisboa, Alcácer do Sal; pelo menos alguns deles (Almaraz, p. ex.) constituiriam centros de poder a partir dos quais se terão organizado verdadeiras unidades político-administrativas. Neste novo contexto, a feitoria de Abul deixa de fazer sentido como pequeno estabelecimento especializado no comércio marítimo; no século V a.C., surgirá aí um santuário, talvez no âmbito de uma simbólica ligada à memória desse lugar, pioneiro na fixação e criação de uma matriz cultural de carácter fenício.

6) Esses aglomerados urbanos irão perdurar, de forma florescente, conservando um padrão cultural marcadamente mediterrâneo e semita, até aos alvares da Época Romana.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. (1993): "Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa". *Estudos Orientais* 4: 183-192.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- BARROS, L. DE (2000): *O fim do Bronze a e Idade do Ferro no território de Almada*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- BARROS, L., CARDOSO, J.L. e SABROSA, A. (1993): "Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz (Almada)". *Estudos Orientais* 4: 143-181.
- CARDOSO, J.L. (1990): "A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo". *Estudos Orientais* 1: 119-133.
- (2000): "Les mammifères d'Abul". *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal)*. *Comptoir et sanctuaire*. Paris: 281-291.
- (2002): "O território português no quadro das solidariedades comerciais atlanto-mediterrâneas do Bronze Final". *Discursos: Língua, Cultura e Sociedade*, III Série 4: 7-54.
- CARDOSO, J.L., RODRIGUES, J.S., MONJARDINO, J. e CARREIRA, J.R. (1986): "A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda". *Revista Municipal Série II* 15: 3-18.
- GOMES, M.V. e MONTEIRO, J.P. (1976-77): "As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel, Beja). Estudo comparado". *Setúbal Arqueológica* 2-3: 281-343.
- GUY, M., GUY, J. e DELÉZIR, J. (2000): "L'environnement du site d'Abul". *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal)*. Paris: 245-259.
- MAYET, F. e TAVARES DA SILVA, C. (2000): *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal) Comptoir et sanctuaire*. Paris.
- PINTO, C.V. e PARREIRA, R. (1978): "Contribuição para o estudo do Bronze final e do Ferro inicial a Norte do estuário do Tejo". *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 147-163.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1986): "Ocupação pré-romana de Setúbal". *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: 87-101.
- (1998): "From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-West of Iberian peninsula". *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* (Oliveira ed). Lisboa: 231-245.
- (2000): "Capturar a mudança na Pré-história recente do Sul de Portugal". *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV. Porto: 213-224.
- SPINDLER, K., CASTELLO-BRANCO, A. DE, ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. DA V. (1973-74): "Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 57: 91-153.
- TARAMELLI, A. (1921): "Il ripostiglio dei bronzi nuragici di Monte La Idda di Decimoputzu (Cagliari)". *Monumenti Antichi* 27: 5-98.
- TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., BEIRÃO, C. DE M., DIAS, L.F. e COELHO SOARES, A. (1980-81): "Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)". *Setúbal Arqueológica* 6-7: 149-218.